

Economia

Banco Central confirma tendência de ritmo menor de queda da taxa de juros a partir de junho, em ata da reunião do Copom

Ata explica o corte da Selic e os motivos que levaram o Comitê a só indicar uma redução no mesmo patamar na próxima reunião

Por **Eliane Oliveira** — Brasília

26/03/2024 08h02 · Atualizado há 17 horas



Diretores do Banco Central, que integram o Comitê de Política Monetária (Copom) — Foto: Divulgação/BC

O Banco Central confirmou, nesta terça-feira, que uma redução de 0,5 ponto percentual na taxa básica de juros pode só ocorrer na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), em maio. Tudo vai depender das incertezas sobre o comportamento da inflação, o mercado de trabalho aquecido e a atividade econômica mais forte. A partir de junho, a expectativa do mercado financeiro é que o ritmo dos cortes deve ser menor.

A sinalização está prevista na ata da última reunião do Copom, divulgada, nesta terça-feira, pela autoridade monetária. Na semana passada o colegiado fez a sexta redução consecutiva na Selic. Com isso, a taxa básica de juros chegou a 10,75% ao ano.

Para **Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating**, mais do que indicar que o ritmo de cortes pode ser menor, o BC sinalizou que quer liberdade para tomar decisões, o que pode resultar,

mais frente, em ritmo mais moderado de corte ou mesmo manutenção da trajetória atual. **Agostini** destacou que a autoridade monetária considera que as incertezas requerem cautela.

— O Banco Central explica, no parágrafo 22, por que mudou a comunicação, e mostra que, neste momento, é preciso mais flexibilidade para a condução da política monetária. A flexibilização é dar meio ponto na próxima reunião e depois acompanhar o cenário. O BC está entrando em um terreno mais desconhecido — disse o economista.

Na reunião, alguns membros do colegiado argumentaram que, se persistirem as incertezas elevadas no futuro, "um ritmo mais lento de distensão monetária" pode se revelar apropriado. Para o economista-chefe da G5 Partners, Luís Otávio Leal, essa observação foi um recado.

— Se as incertezas tanto internas quanto externas continuarem altas como estão agora, provavelmente o Copom vai reduzir o ritmo para 0,25 ponto percentual — disse Leal.

"O Comitê reforça a necessidade de perseverar com uma política monetária contracionista até que se consolide não apenas o processo de desinflação como também a ancoragem das expectativas em torno de suas metas", diz um trecho da ata.

As expectativas de inflação para 2024 e 2025 apuradas pela pesquisa Focus encontram-se em torno de 3,8% e 3,5%, respectivamente. O levantamento é realizado com as principais instituições do mercado pelo BC.

Desde agosto do ano passado, o ciclo de cortes é marcado por uma queda de 0,5 ponto percentual a cada reunião do Copom. A expectativa do mercado financeiro é que a taxa de juros continue caindo, mas a um ritmo menor.

No comunicado da última reunião do Copom, o Banco Central previu mais um corte de 0,5 ponto em maio. Porém, a grande mudança é que a autoridade monetária deixou de usar o plural e passou para o singular, indicando apenas mais uma redução.

O BC indicou que a continuidade de cortes em 0,5 ponto percentual pode ser interrompida diante do cenário de retomada da inflação no país, trazida, principalmente, pelo reaquecimento do mercado e elevação do Produto Interno Bruto (PIB). A sinalização de queda no ritmo de cortes ocorreu, quando o comunicado descreveu que uma nova redução nessa magnitude vai ocorrer "na próxima reunião", no singular.

Nos últimos comunicados, o BC falava em "próximas reuniões", indicando pelo menos mais duas reduções de 0,5 pp. Agora, só há clareza para mais um corte de 0,5 pp, na reunião de maio. A decisão foi unânime entre os diretores do BC.

"O Comitê avalia que o cenário-base não se alterou substancialmente. Em função da elevação da incerteza e da conseqüente necessidade de maior flexibilidade na condução da política monetária, os membros do Comitê, unanimemente, optaram por comunicar que anteveem, em se confirmando o cenário esperado, redução de mesma magnitude na próxima reunião. O Comitê avalia que essa é a condução apropriada para manter a política monetária contracionista necessária para o processo desinflacionário", destaca a ata do BC.

A decisão do Copom sobre a taxa básica de juros acontece em um cenário com a economia ainda aquecida — o que pode pressionar a inflação. Dados recentes divulgados sobre o PIB do ano passado, mostram criação de empregos e elevação da atividade econômica no começo de 2024, colocando em dúvida o impacto disso na inflação e no ritmo de queda da Selic. O IPCA de fevereiro mostrou relativa alta, com a inflação em 12 meses alcançando o teto da meta do BC: 4,5%.

"O Comitê enfatiza que a magnitude total do ciclo de flexibilização ao longo do tempo dependerá da evolução da dinâmica inflacionária, em especial dos componentes mais sensíveis à política monetária e à atividade econômica, das expectativas de inflação, em particular daquelas de maior

prazo, de suas projeções de inflação, do hiato do produto e do balanço de riscos", destaca o Banco Central.

Segundo o documento, a queda de 0,5 ponto foi decidida após uma análise em que se considerou a evolução do processo de "desinflação", os cenários avaliados, o balanço de riscos e o amplo conjunto de informações disponíveis. Para o colegiado, a medida é compatível com a estratégia de convergência da inflação para a meta (3%, com tolerância de 1,5 ponto percentual para mais e para menos).

Segundo a ata do Copom, o ambiente externo continua volátil. Os bancos centrais das principais economias, destacou o BC, permanecem determinados em promover a convergência das taxas de inflação para suas metas em um ambiente marcado por pressões nos mercados de trabalho.

"O Comitê avalia que o cenário segue exigindo cautela por parte de países emergentes", diz o documento.

Mercado de trabalho

No âmbito doméstico, o conjunto de indicadores recentes de atividade econômica segue consistente com o cenário de desaceleração da economia esperado pelo Comitê. "Observa-se alguma moderação no crescimento econômico, mas com maior dinamismo em alguns indicadores na margem, enquanto o mercado de trabalho segue aquecido e com aceleração nos rendimentos reais".

O colegiado avalia que os aumentos salariais no período corrente podem estar ligados, em alguma medida, a pressões no mercado de trabalho. Alguns membros observaram que a recuperação da produtividade observada em 2023 ocorreu primordialmente no setor agropecuário, enquanto rendimentos se mostraram pressionados de maneira disseminada, sugerindo que o cenário pode não ser devido a ganhos de produtividade, mas por um "fechamento do hiato do produto".

"... o Comitê demonstrou maior preocupação com possíveis efeitos da ampliação de ganhos reais no período mais recente e da aceleração de crescimento observada nos dados referentes à massa salarial sobre a dinâmica prospectiva da inflação de serviços".

— Se botasse na balança o que foi primordial e preponderante para o Banco Central ter tirado o plural e ter colocado um viés de desaceleração do ritmo, foi o mercado de trabalho mais apertado e principalmente essa questão da produtividade — disse Luís Otávio Leal.

Camila Abdelmalack, economista-chefe da Veedha, afirmou que o principal ponto da ata do Copom foi a indicação de que um corte de 0,5 ponto só deve acontecer na reunião de maio, que poderá ser seguida de redução do ritmo de corte de juros. Além das incertezas no cenário externo, ela citou a evolução da inflação, o mercado de trabalho, o aquecimento da atividade econômica e a condução da política fiscal.

— Resumo: se a incerteza persistir, o Copom indicou que irá reduzir o ritmo de corte de juros — disse a economista.